

# Corpo, peles e espiral em Hundertwasser

*Body, skins and spiral in Hundertwasser*

João Victor Coser<sup>1</sup> (PPGA-UFES)

Cláudia Maria França da Silva<sup>2</sup> (PPGA-UFES)

**Resumo:** Apresentamos um recorte de pesquisa de mestrado, em que os conceitos de espiral e das cinco peles de F. Hundertwasser foram relacionados à corporeidade, com a qual foram estabelecidas relações com o vestuário e a casa. Para tal, apresentamos três coordenadas de entendimento do corpo: a sua dimensão espaço-temporal, sua dimensão interativa e, por fim, sua dimensão sígnica – em que sentido a gestualidade pode ser compreendida em sua função comunicacional.

**Palavras-chave:** corporeidade; Hundertwasser; teoria das cinco peles; espiral.

**Abstract:** *We present a section of master's research, in which the concepts of spiral and F. Hundertwasser's five skins were related to corporeality, with which relationships were established with clothing and the home. To this end, we present three coordinates for understanding the body: its space-time dimension, its interactive dimension and, finally, its sign dimension – in which sense gestures can be understood in their communicational function.*

**Keywords:** *corporeality; Hundertwasser; five skin theory; spiral.*

<https://doi.org/10.47456/col.v14i23.44291>

<sup>1</sup> Doutorando em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde também obteve seu mestrado em Artes e graduação em Artes Plásticas (2018). Atualmente, é artista visual, pesquisador e arte educador. ID ORCID:

<https://orcid.org/0009-0001-4251-8620>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2717674846562304>.

<sup>2</sup> Artista visual. Pós-doutora em Psicologia pela UFMG. Doutora em Artes pela UNICAMP (Poéticas Visuais, 2010). Mestre em Artes Visuais pela UFRGS (Poéticas Visuais, 2002). Bacharel em Artes Plásticas pela UFMG (Desenho e Escultura, 1990). Fui docente pela Universidade Federal de Uberlândia (1991-2016) e atualmente sou professora associada pela UFES. ID ORCID:

<https://orcid.org/0000-0001-6971-6363>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3462886315780014>.

## **Introdução**

O corpo se apresenta como interface de comunicação e junção com o mundo objetivo e o mundo subjetivo. Isso significa dizer que a corporeidade humana é moldada, por um lado, pelo imaginário coletivo e pelo contexto sociocultural e, por outro, pelas representações simbólicas feitas para e pelo corpo.

O corpo é um vetor semântico fundamental na construção da nossa compreensão e contato com a realidade; por meio de suas funções fisiológica, psíquica e física, experimentamos e construímos interações com o mundo. Dessa forma, o corpo é um veículo físico que nos permite acessar e interpretar o ambiente ao redor, agir e nos comunicarmos com outras pessoas, bem como construir memória de todas essas experiências. Nossas atividades perceptivas, como a visão, audição, tato, paladar e olfato estão conectadas e participam da estrutura de nosso corpo e nos fornecem informações sensoriais sobre o mundo. Tais informações e estímulos são processados internamente na formação de conceitos e lembranças, os quais atuam na simbolização de novas experiências.

Este artigo propõe explorar a função do corpo como uma interface de comunicação entre os mundos objetivo e subjetivo, destacando como a corporeidade humana é moldada pelo contexto sociocultural e pelas representações simbólicas. Abordamos, aqui, a importância do corpo na construção de nossa compreensão e interação com a realidade, através de suas funções fisiológicas, psíquicas e físicas. Além disso, examinamos como as atividades perceptivas fornecem informações sensoriais que são processadas e simbolizadas em novas experiências.

## **Acepções do corpo**

David Le Breton (2012, 2016) apresenta uma análise do corpo, compreendendo-o como fenômeno social e cultural. Sugere que a condição corporal é fruto das atividades perceptivas; também desempenha um papel fundamental para a compreensão de nossas expressões de sentimentos, cerimônias e ritos de interação, os conjuntos de gestos e mímicas, bem como a produção de nossa aparência, os jogos sutis de sedução e a relação com a dor e com o sofrimento. Le Breton analisa o corpo em suas construções culturais; assim, ele o entende como um conjunto de sistemas simbólicos:

Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. (Le Breton, 2012, p. 7)

Através do corpo, o ser humano existe. Abraça fisicamente o mundo e apodera-se dele, adequando-se e/ou transgredindo sistemas simbólicos; transforma-os em um universo familiar, compreensível e carregado de sentidos e de valores, assim como pode desarranjar estruturas já instituídas. A existência corpórea é compartilhada com o outro que está inserido no mesmo sistema de referências culturais; no entanto, considerando-se as diferenças, a existência corpórea pode agir no enfrentamento e no dissenso de valores, tornando mais complexas as interações e compartilhamentos.

Etimologicamente, existir significa, em primeiro lugar, "ser para fora" (*existere*); isso quer dizer aparecer, mostrar-se, colocar-se no mundo. Em segundo lugar, existir é mover-se em determinado espaço e tempo, transformando o meio graças ao conjunto de gestos eficazes; é escolher e atribuir significado e valor aos inúmeros estímulos, às atividades perceptivas, à linguagem. Comunicamos aos outros a palavra, assim como um repertório de sons inarticulados, gestos e mímicas, um conjunto de rituais corporais que

implica na adesão dos outros; assim, pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência.

O corpo existe na totalidade dos elementos que o compõem graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identificações que levaram o homem (corpo e mente) a assimilar os comportamentos de seu círculo. Os outros contribuem para modular os contornos de seu universo e para dar ao corpo o relevo social de que necessita, oferecendo a possibilidade de construir-se inteiramente como membro do grupo de pertencimento; assim, não há nada de natural no gesto ou nas sensações com o mundo, afirma David Le Breton.

O corpo encarnado também é entendido como a marca do indivíduo, a fronteira entre o seu fora e o seu dentro, o limite que, de alguma forma, o distingue dos demais. O corpo é o nosso traço mais visível, sendo assim, um fator de individualização. O corpo é implicitamente um fato de cultura, construído sobre os fenômenos visíveis e invisíveis. Para o homem, não existem alternativas além de experimentar o mundo, ser atravessado e transformado, permanentemente, por ele. "O mundo é a emanção de um corpo que o penetra" (Le Breton, 2016, p. 11); logo, a transição da leitura do mundo instaura-se entre a sensação das coisas e a sensação de si.

O corpo é atormentado por esse imaginário abundante que o transforma em produto da condição social e corporal. Logo, por ele, são manifestados os sinais inscritos na pele – o que insere um pertencimento a determinado grupo, como por exemplo, sinais de uma determinada "raça", de deturpação ou da criminalidade. Dessa forma, a ordem do mundo obedece à ordem biológica, cujas provas são encontradas nas aparências corporais. "Mede-se, pesa-se, corta-se, fazem-se autópsias, classificam-se incontáveis sinais transformados em índices a fim de compor o indivíduo sob os auspícios da raça ou da categoria moral" (Le Breton, 2012, p. 17). O corpo torna-se descrição da pessoa, testemunha de defesa usual daquele que o encarna. O homem não tem poder de ação contra essa "natureza" que o revela.

O corpo é a pluralidade do sensível. Ele é incluído no movimento das coisas (do mundo) e se mistura a elas com todos os seus sentidos. Dessa forma, a carne do homem e a carne do mundo proliferam uma continuidade sensorial sempre presente. O indivíduo só toma consciência de si através do sentir, ele experimenta a sua existência pelas reverberações sensoriais e perceptivas, que não param de atravessá-lo. David Le Breton entende os sentidos como filtros para a compreensão da realidade:

Os sentidos não são “janelas” sobre o mundo, “espelhos” oferecidos ao registro das coisas em total indiferença com as culturas ou com as sensibilidades; eles são filtros que só retêm em sua peneira o que o indivíduo aprendeu a colocar nela, ou o que ele justamente busca identificar mobilizando seus recursos. (Le Breton, 2016, p. 15)

Experimentar o mundo não é estar com ele numa relação errada ou certa, é percebê-lo com seus filtros e estilo próprio, no centro de uma experiência cultural. As percepções sensoriais são, em primeiro lugar, a projeção de significações sobre o mundo. Cabe destacar que outros sentidos vinculados ao tato, como a pressão sobre a pele, a temperatura (o calor e o frio), a dor, a propriocepção que nos ensina sobre a posição e os movimentos do corpo no espaço, revelam que a pele conduz a uma experiência singular com o mundo e a realidade presente nele.

### **Do corpo à pele**

A pele desempenha um papel fundamental na nossa percepção da realidade. Se, antes, colocamos o corpo como interface do interior com o exterior, é graças à pele que esse intercâmbio se faz. Maior órgão do corpo humano, a pele, além de ser uma barreira protetora contra agentes externos, nos conecta com o ambiente e nos permite experimentar e interagir com o mundo de maneiras profundas e complexas, oferecendo-se também como uma interface sensível com o que está além de nós.

Somos capazes de sentir uma variedade de estímulos sensoriais, como temperatura, textura, pressão e dor. Expressões faciais, gestos e contato físico são formas de comunicação não verbal transmitidas através da pele. Esses sinais sensoriais são enviados ao cérebro, onde são interpretados e nos fornecem informações essenciais sobre o mundo ao nosso redor. Nossa pele nos permite sentir o calor suave do sol em um dia de verão, a maciez de uma superfície lisa, a sensação reconfortante de um abraço ou até mesmo a dor aguda de um ferimento. Um toque suave pode transmitir carinho e amor, enquanto um aperto de mão firme pode indicar confiança e respeito. O toque nos permite estabelecer conexões emocionais e fortalecer os laços interpessoais. Portanto, a pele cumpre um papel importante em nossa percepção social e emocional.

Intimamente ligada à nossa identidade e autoconsciência, com a pele nos reconhecemos como indivíduos únicos e distintos. Alterações na aparência da pele, como cicatrizes, manchas ou marcas, podem afetar significativamente nossa percepção de nós mesmos e nossa interação com os outros.

A pele é um reflexo da nossa ancestralidade, história e cultura; seu significado varia amplamente de acordo com o contexto social e cultural em que estamos inseridos. A epiderme pode ser pensada a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty, voltada, aqui, para a apreensão do nosso entorno, por meio do corpo e de uma experiência tátil com o mundo. O fenomenólogo diz que, no "tocar", encontramos três experiências distintas, três recortes: "um tocar o liso e o rugoso, um tocar as coisas – um sentimento passivo do corpo e de seu espaço – e enfim um verdadeiro tocar o tocar" (Merleau-Ponty, 2009, p. 130). Sua concepção consiste em um entendimento do corpo como um objeto inserido no mundo; o toque de uma mão na outra, pelo qual o "sujeito que toca" passa à competência do tocado, ou seja, se configura como lugar e categoria de objeto atrelado à coisa do mundo.

Em suma, a pele desempenha uma função fenomenológica crucial em nossa percepção do mundo. Ela nos conecta sensorialmente com o ambiente,

permite a comunicação emocional e social, influencia nossa identidade e autoestima, e nos ajuda a apreciar a diversidade e a complexidade da condição humana.

### **As cinco peles simbólicas de Hundertwasser**

O artista e arquiteto austríaco Fritz Hundertwasser, ao longo de sua trajetória, dedicou-se a desenvolver sua obra sob a luz das questões ambientais. A alegoria das cinco peles foi uma das principais elaborações que Hundertwasser explorou e que nos faz projetar e experimentar outros modos de compreender a relação entre o corpo humano, os espaços e as alternâncias que conectam o mundo aos nossos hábitos e pensamentos.

Fritz Hundertwasser e sua obra foram objeto de estudo do crítico de arte francês Pierre Restany, que elaborou o livro quase biográfico "O pintor rei das cinco peles". Nesse livro, Restany debate os conceitos e elucida a trajetória de vida do artista; seu foco narrativo é apresentar e discutir as "cinco peles" como o nível de consciência de Hundertwasser. Restany concentra-se nos acontecimentos da infância, juventude e maturidade do artista. Reflete sobre a influência do seu estilo de vida e da sua convicção no poder natural da arte e da beleza como expressões da harmonia do mundo.

Para Hundertwasser, pertencemos todos a uma grande teia de conhecimentos e práticas de outras formas de agir e viver. Todos os praticantes passam a compartilhar de uma mesma pele, transferindo fundamentos para um repensar de seus limites. Cada "pele" representa uma camada de significado e de relação com o mundo, indo da epiderme, que remete à relação tátil e fenomenológica com o ambiente, até a "quinta pele", que está ligada à ideia de viver sempre melhor, em harmonia com a humanidade, a natureza e o meio ambiente. Aqui, são apresentadas três das cinco peles de Hundertwasser: epiderme, vestuário e casa.

A primeira pele é a epiderme, responsável principalmente pela proteção e manutenção da temperatura do corpo; representa a conexão tátil com o mundo, enfatizando a importância da experiência sensorial e do contato direto com a realidade.

Viviane Matesco, em seu texto "Corpo-Objeto", apresenta uma concepção substancial do corpo e as convenções e variações que sofrerá após a virada do século XX. Para isso, ela destaca três fatores que contribuíram para o aparecimento do corpo do artista como instrumento da ação, e que foram implementados nos modelos tradicionais da arte que conhecemos hoje.

O primeiro deles atribui ao corpo a visão instrumental em processo de ampliação da pintura, que "tornou-se então suporte de um acontecimento" (Matesco, 2011, p. 2982). Essas manifestações contribuíram para a "aparição" do corpo do artista. Sinaliza-se, a partir disso, para os vestígios e rastros do corpo, que são manifestados por sua gestualidade impressa na obra. Aqui, podemos pensar em Hundertwasser, que se mostra atuante para transcrever e manifestar aparições naturalistas do seu corpo. Essa visão de mundo culminaria na elaboração do "discurso nu"<sup>3</sup> – manifesto de Hundertwasser, que considera que o poder criativo do homem se refere à existência de sua natureza, de sua liberdade.

O segundo fator confere ao corpo uma reversão dos valores burgueses e conservadores. Oferece-se, aí, a ênfase em um corpo puro e autêntico, realçado no naturalismo, nos rituais da vida e nas funções orgânicas. O terceiro e último fator evidenciou a separação entre corpo e mente, em que a dicotomia acrescenta a noção do corpo como suporte da arte por um lado, e por outro ressalta a afirmação dele como suporte para uma ideia.

Com a consciência desses três fatores fundamentais para a concepção da entrada e manifestação corpórea dos artistas, compreendemos e percebemos o corpo de Hundertwasser mensurado por sua primeira pele,

<sup>3</sup> "Discurso Nu" de Hundertwasser. Disponível em: [https://www.hundertwasser.com/en/texts/los\\_von\\_loos\\_gesetz\\_fuer\\_individuelle\\_bauver\\_aenderungen\\_oder\\_architektur-boykott-manifest](https://www.hundertwasser.com/en/texts/los_von_loos_gesetz_fuer_individuelle_bauver_aenderungen_oder_architektur-boykott-manifest). Acesso em: 13/04/2024.



sendo ela, para o artista, a consistência no envolvimento do ser humano, associada ao mundo orgânico e um regresso a princípios antecessores e formadores da condição humana.

A segunda pele, o vestuário, simboliza a expressão individual e a resistência à uniformidade da sociedade moderna, o que destaca a importância da autenticidade e da singularidade na forma como nos apresentamos ao mundo. A proposta de uma segunda pele é manifestada, pelo artista, na mudança em seu vestuário e no seu ponto de vista sobre o poder da vestimenta, iniciada em 1950, por influência de seu amigo e artista René Brô, de quem admirou a liberdade imaginativa do estilo vestimentário. A partir desse momento, Hundertwasser passou a criar e costurar suas próprias roupas, meias e sapatos a fim de denunciar a uniformidade do anonimato. Hundertwasser se opõe à produção e à fabricação de peças em série, incentivadas pela globalização e pelos costumes de consumo, pois mecanizam e igualam o homem, quando deveriam atestar sua individualidade através da roupa.

A segunda pele é efêmera, assim como a cultura contemporânea, podendo facilmente modificar quem a usa e ser assim, modificada. A roupa, como prolongamento do corpo, mostra que, de um lado, está a pessoa e, do outro, a "impressão" que ela deseja passar. Todavia, é por meio do corpo que se percebe e se vivencia o universo que nos rodeia. Vive-se em uma sociedade onde o corpo é formado "artificialmente" e à mercê da moda e dos padrões dominantes. Assim, "sobre a pele de cada indivíduo, como novo conjunto de textos, a segunda pele, em suas múltiplas manifestações, permite o norteamento e a orientação que se refere à posição individual do sujeito diante do coletivo, do privado em relação ao público" (Castilho, 2004, p. 73). A segunda pele, nesse sentido, é a nossa camada simbólica, reproduzindo normas e comportamentos, configurando, outrossim, em atitudes. A segunda pele adquire uma função política e social ao apresentar nossa identidade individual ao mundo visível.

A terceira pele, a casa, é um reflexo do nosso eu interior e do nosso relacionamento com o ambiente construído. Para Hundertwasser, uma casa deve ser mais do que um simples abrigo; ela deve ser um espaço vivo e orgânico, em constante interação com a natureza e com a comunidade. A terceira pele é iniciada em 1980, quando há a dedicação ativa em seus projetos arquitetônicos, em especial à construção da Casa Hundertwasser, em Viena, um condomínio encomendado pela prefeitura da cidade. A terceira pele é a morada do corpo imerso, no qual se constroem fronteiras. A casa, o teto, as paredes, as janelas e as portas, entradas e saídas, acolhem e abrigam o ser humano. É nela que o homem reside e realiza as suas ações cotidianas; é, pois, o local erguido, onde passamos a maior parte do nosso tempo. Para Hundertwasser, uma casa deve interagir diretamente com a natureza, deve ser orgânica e viva e em um contínuo estado de mudança. A Casa Hundertwasser incorpora todos os princípios que o artista considera como cura da doença racionalista na arquitetura: janelas alinhadas irregularmente, árvores integradas ao espaço, linhas ondulantes, muitas cores, colunas barrocas e cúpula, etc.

A terceira pele acrescenta à casa seu lugar de origem e substância para uma construção social. Regida por uma espécie de redoma dos próprios indivíduos que se movimentam e organizam a sua vida a partir do lar, a casa é também uma espécie de reflexo do universo, pois constitui uma unidade, um todo, um conceito espacial, físico, emocional e psicológico.

Pierre Restany finaliza ao relatar a teoria e alegoria das cinco peles, classificando o artista como um homem amoroso, ao considerá-lo um "pintor" de um "quadro vivo" para viver sempre melhor. A análise proposta a partir do texto de Restany sobre Hundertwasser envolve a compreensão das "cinco peles" como níveis de consciência do artista, que se manifestam em sua obra e em sua vida.

## **A espiral em Hundertwasser**

A espiral é um elemento fundamental na obra e na filosofia de vida de Hundertwasser. Ela aparece em muitas de suas obras arquitetônicas e artísticas, bem como em seus escritos e manifestos. Para o artista, a espiral representa uma forma de escapar da rigidez e da monotonia da vida moderna – uma crítica à linearidade e à uniformidade da modernidade, e que simboliza um movimento contínuo e fluido em direção à harmonia e à vitalidade. Hundertwasser acreditava que a sociedade moderna estava cada vez mais distante dessa harmonia, devido à sua ênfase na tecnologia, na industrialização e no crescimento econômico desenfreado.

Presente em sua obra desde 1953, a espiral é um elemento simbólico que representa sua busca por uma existência mais autêntica e harmoniosa. A espiral pode ser vista como um símbolo de transformação pessoal e espiritual. Assim como a espiral se desdobra e se desenvolve continuamente, o ser humano também está em constante evolução e crescimento. A espiral, segundo o artista, nos lembra da importância de estarmos abertos a novas experiências, de nos reinventarmos e de nos conectarmos com nossa essência mais profunda.

A dinâmica da forma representa a busca por uma maior harmonia e equilíbrio entre o homem e a natureza, sendo o chamado para um retorno às raízes naturais e orgânicas da existência humana. Assim, o homem viveria em equilíbrio com o meio ambiente e com sua própria natureza interior. A espiral seria um símbolo multifacetado, e representaria não apenas uma forma geométrica, mas uma filosofia de vida. Ela reflete a busca do artista por uma conexão mais orgânica e energética com a natureza e com a própria essência humana, em contraposição à racionalidade e à padronização dos hábitos.

A espiral representa o ciclo da vida, o eterno retorno e a conexão entre todas as coisas. Para ele, a espiral é uma metáfora da busca contínua por significado

e harmonia, um convite para explorar novos horizontes e possibilidades. Ao contrário da linha reta, que para ele simboliza a rigidez e a falta de criatividade, a espiral representa a diversidade, a vitalidade e a liberdade de expressão. Nas construções arquitetônicas, a espiral é frequentemente utilizada para criar espaços dinâmicos e fluidos, que convidam à exploração e à contemplação. Suas escadas em espiral, por exemplo, não são apenas elementos funcionais, mas símbolos de uma jornada interior, de um caminho em direção à autoconsciência e à realização pessoal.

## **Conclusão**

O presente artigo abordou questões relacionadas ao corpo e à pele, compreendendo essa corporeidade como um universo que interpõe conexões simbólicas e fenomenológicas. Estes aspectos foram a base para compreendermos como o artista austríaco Fritz Hundertwasser ressignificou o sentido de "pele" e da forma em "espiral", em seu percurso poético. A interligação entre as "cinco peles" e a "espiral" na obra e na filosofia de vida de Hundertwasser revela um profundo anseio por uma existência autêntica e harmoniosa, tanto em nível individual como coletivo. As "cinco peles" representam diferentes camadas de interação e significado, que vão desde a relação mais imediata e física com o ambiente até uma busca por uma conexão mais profunda e espiritual com a natureza e com os outros seres humanos.

A obra de Fritz Hundertwasser transcende a mera expressão estética e adentra um território filosófico e social profundo. É através da espiral e do conceito das cinco peles que Hundertwasser nos convida a repensar nossa relação com o mundo e a buscar uma existência mais plena e significativa.

Seu conceito das "cinco peles" não se restringe a uma metáfora visual, mas representa uma ontologia da existência humana em relação ao mundo. As três primeiras peles abordadas neste artigo refletem a jornada do ser humano

em busca de identidade e pertencimento. Nessa jornada, destaca-se a importância de nos reconectarmos com nossas raízes naturais e com nossa essência mais profunda. Cada "pele" é uma camada de significado e interação com o ambiente, desde a pele física que nos conecta diretamente com o mundo tátil, até a pele mais profunda, que busca uma simbiose harmoniosa com a natureza e a sociedade. Ao explorar as "cinco peles", Hundertwasser nos convida a refletir sobre nossa própria condição humana e nossa relação com o ambiente que habitamos. Ele nos instiga a considerar como nossas ações e escolhas moldam não apenas nosso mundo físico, mas nossa identidade e nosso papel dentro da sociedade.

A espiral, por sua vez, é um símbolo de movimento e transformação constante, representando a evolução e a renovação da vida. Ela nos lembra que a vida é um processo contínuo de mudança e renovação, e que devemos estar abertos para novas experiências e perspectivas. A espiral de Hundertwasser não é apenas um elemento estético, mas uma representação visual de sua filosofia de vida, que busca uma existência mais autêntica e em harmonia com a natureza. É, ainda, uma metáfora para a busca contínua por significado e harmonia, convidando-nos a explorar novos horizontes e possibilidades em nossa jornada pessoal e coletiva.

Hundertwasser e o seu Eu exibem múltiplas peles, que se retroalimentam entre si, imbricam na "espiral" iniciada por ele e equivalem ao significado de relação primeira consigo e com a dimensão terrena de seu corpo, como um processo de descoberta dos encontros orgânicos e energéticos com a dimensão terrena da natureza. Sua espiral é:

austríaca, Jugendstil, barroca, romana, celta, copta, mesopotâmia, maori, religiosa: eis porque nos arrasta também 'naturalmente' no sentido da perspectiva infinita dos diferentes inconscientes que ocupam a alma. (Restany, 2002, p. 17-18)

As "peles" e a "espiral" são elementos que se entrelaçam na obra e na filosofia de vida de Hundertwasser, representando sua busca por uma existência mais

autêntica, em harmonia com a natureza e com sua própria essência. Esses conceitos continuam relevantes e inspiradores para a arte contemporânea, pois nos desafiam a repensar nossa relação com o mundo e a buscar uma vida mais plena e significativa.

### **Referências**

CASTILHO, Káthia. **Moda e Linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Editora Vozes, 2016.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Editora Vozes, 2012.

MATESCO, V. F. Corpo Objeto. In: **Anais do 20º Encontro Anpap**. Rio de Janeiro: UERJ, 2011, pp. 2981.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4ª Edição ed., São Paulo, Perspectiva, 2000.

RESTANY, Pierre. **Hundertwasser: o pintor-rei das cinco peles: o poder da arte**. Lisboa: TASCHEN, 2003.

Recebido em: 13 de abril de 2024.

Publicado em: 28 de junho de 2024.